

FACON – FACULDADE DE CONCHAS
PÓLO: A CASATOMBADA
A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

VANESSA CASTRO DE OLIVEIRA

TECER-SE PROFESSORA-CONTADORA-DE-HISTÓRIAS
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DA SALA DE AULA

SÃO PAULO
2019

FACON – FACULDADE DE CONCHAS
PÓLO: A CASATOMBADA
A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

VANESSA CASTRO DE OLIVEIRA

TECER-SE PROFESSORA-CONTADORA-DE-HSTÓRIAS
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DA SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão do curso apresentado à Banca Examinadora da FACON – Faculdade de Conchas – Polo A CASA TOMBADA para obtenção do grau de Especialista em A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS, sob orientação do Profº Drº Giuliano Tierno.

SÃO PAULO
2019

RESUMO:

Essa monografia-biografia resulta de uma pesquisa teórico-poética na qual a pesquisadora revisita suas 'memórias' como aluna do ensino fundamental II e a posteriori como professora-narradora-de-histórias, alinhando a performance e as práticas de narração de histórias que seus mestres de ontem e hoje utilizavam. E assim, tentando remeter a atual performance do professor na sala de aula. Parte-se do pressuposto que se o professor visitar seu '*narrador de histórias ancestral*' o aluno-ouvinte terá a possibilidade de estar *presente* de corpo e alma na sala de aula aprendendo e apreendendo muito além dos conteúdos programáticos. Neste visitar (de antes e, em um breve momento, durante a pandemia) buscou-se inspiração em algumas fotomontagens digitais de acervo pessoal para o ato de narrar as memórias e práticas docentes. Destaca-se a importância do professor-contador-de-histórias como agente de cultura, presença humana, guardião das palavras e histórias em tempos 'normais' e pandêmicos.

PALAVRAS CHAVES:

Memória, professor, experiência, sala de aula, performance.



Figura 1 - Foto Colagem Digital Intitulada: MEMÓRIAS DE SALA DE AULA - Aatoria: Vanessa Castro - ARQUIVO PESSOAL

SUMÁRIO

1. “Plim-Plim-Plim! Uma estrela brilhou no céu e esta história começa assim!” – Indagações de uma Introdução	07
2. “Conte-me e eu te contarei que certa vez...”	
2.1. O início da Experiência	10
2.2. Aqueles que me fizeram forte	12
2.3. Sobre hoje	13
3. “O conto respondeu, eu me calo...”	
3.1. O que é Contar Histórias?	15
4. “Caminha hoje, caminha amanhã, de tanto caminhar se faz o caminho.”	
4.1. E o professor?	17
4.2. Minha Professora Maluquinha	19
4.3. Meu Professor-Aprendiz	22
5. “No tempo em que não havia tempo, num lugar que era lugar nenhum...”	
5.1. Minha trajetória no Magistério	25
6. “Eu contei essa história, que outros antes de mim contaram, eu a derramei na taça de suas memórias para que vocês a levem...”	
6.1. Conclusões ou seriam novas indagações	30
7. Anormal	33
8. Anexo	39
9. Bibliografia	42

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

Figura 1	04
Figura 2	37
Figura 3	37
Figura 4	38
Figura 5	38

1. “Plim-Plim-Plim! Uma estrela brilhou no céu e esta história começa assim!”¹ – Indagações de uma Introdução.

“É PRECISO COMEÇAR ANTES DO DE COMEÇAR!”

Provérbio Africano que escutei pela boca de Isaac Bernard na Oficina Oswald de Andrade – dezembro de 2017

TRANSITAR ENTRE O VISÍVEL E O INVISÍVEL.

Palavras tecidas ao pensar nessa escrita.

No ano de 2017 comecei² minha Pós-Graduação na *Arte de Contar Histórias* na FACON – Pólo A CASA TOMBADA, quero salientar que durante muito tempo achei que fazer uma especialização nesta área era uma coisa extremamente inútil. Afinal de contas, já contava histórias e o que aprenderia sobre isso?

Porém, em janeiro deste mesmo ano, depois de uma conversa com Letícia Liesenfeld³ resolvi tentar, ou seja, testar aprender ‘academicamente’ aquilo que acreditava que já sabia. E, depois de dezoito meses cá estou eu a trilhar estas linhas referentes ao meu pensamento e escrita sobre o TCC que floresceu em torno desta jornada de estudo.

Quando entrei nesta instituição, devo afirmar, não compreendia o que carregaria daqui. Pensava que seriam apenas conversas, encontros guardados na memória e brevemente esquecidos. Mas – em toda história sempre tem uma reviravolta, não é? – percebi que como os contos de Sherazade, os professores desta

¹ As epígrafes dos capítulos são os inícios de histórias, ou seja, fórmulas encantatórias de aberturas dos contos de tradição oral que li ou ouvi.

² Será utilizada a primeira pessoa do singular em situações nas quais o uso da primeira pessoa do plural possa soar artificial.

³ Coordenadora do curso *A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS* juntamente com Giuliano Tierno.

Casa me faziam voltar na aula seguinte com um sentimento de querer-sentir-pesquisar-pensar e voltar novamente.

E foi nesse instante que a Vanessa de hoje quis se reencontrar com a Vanessa de 1977, com aquela menina frágil e insegura, pois as duas – apesar da diferença do tempo – tinham o mesmo desejo: retornar ao local de estudo, ao ambiente escolar para compartilhar/aprender/partilhar/conhecer junto com seus parceiros e professores.

E assim comecei a escrever essas linhas baseada no medo. Medo desses tempos sombrios, medo do início dessa escrita e o que sairá dela. Medo do encontro comigo mesma, com minhas memórias, ofício e palavra. E esse sentimento veio junto com a inércia que durante um tempo imobilizou meus pensamentos, vontades e escrita.

Na minha trajetória de vida aprendi que o medo é um grande professor e a *crise* como afirma Luís Alberto Abreu⁴ nos “nordeste e nos faz mais espertos”. Então, junto a coragem e vou - tem medo, muito medo - mas tem muito mais Esperança! E como afirma minha mestra Luiza Christov: “A Palavra tem que ser propagada!”. E a inércia, admirada, ficou lá vendo o Movimento acontecer.

E assim, resolvi aqui usar a *escrita de si* como arte de existência e resistência, pois acreditando no que Margareth Rago⁵ afirma: “A ‘escrita de si’ impõe-se como necessidade de ressignificação do passado pessoal, mas também coletivo (...)”. E nesta escrita podemos entender também como um ‘cuidado de si’, uma abertura para o outro ressignificando e reconstruindo o passado e o presente da aluna de 1977 e da professora-contadora de histórias de hoje e também o que seria a *performance do professor* que resgatou a Vanessa-menina e que é tão almejada pela Vanessa-adulta.

Então, aqui estou diante deste teclado, de encontro às minhas reminiscências e problematizações para juntos principiarmos essa *monografia-autobiografia-conversa* que tem o intuito de falar sobre a ‘performance do professor’. E esta construção será conduzida – no primeiro instante - pelas minhas *memórias* da época

⁴ ABREU, Luís Alberto de. *A restauração da narrativa*. <http://www.sesipr.org.br/nucleodedramaturgia/FreeComponent9545content77389.shtml> - Acessado em 26/09/2018

⁵ RAGO, MARGARETH. *A aventura de contar-se – Feminismos, escrita de si e invenções de subjetividades*. Campinas: Editora Unicamp – 2013.

da 'escola', primeiramente como aluna (a de 1977 e 2017) e a posteriori como educadora-narradora de histórias dos dias atuais.

Elizeu Clementino de Souza⁶ afirma que:

“Trabalhar com a memória, seja a memória institucional ou a do sujeito, faz emergir a necessidade desse reconstruir um olhar retrospectivo e prospectivo no tempo e sobre o tempo reconstituído como possibilidade de investigação e de formação de professores. A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador.”

E na busca dessa conexão do passado e presente quero confrontar algumas práticas dos *professores* que marcaram minha vida e assim juntar a memória e a narrativa como fonte possível de conhecimento.

Este tempo sombrio e doloroso da infância a que me refiro remete ao desaparecimento de meu pai devido ao seu alcoolismo. Ressalto aqui que este relato não tem nada de vitimismo, simplesmente é colocado através do olhar de uma criança, ou pelo menos da criança que eu imaginava ser, quando viu seu pai ir embora e o que meus professores faziam que me impulsionava a voltar no dia seguinte apesar das brigas e da violência em casa? Assim como os professores da pós-graduação *A Arte de Contar Histórias* faziam com que a mulher adulta e cheia de tarefas da vida voltasse com prazer e vontade a cada sábado. E daí me pergunto: 'Qual história que eles me contavam que me fazia retornar à sala de aula com força e fôlego para caminhar no meio da Escuridão da época (de ontem e de hoje)? Como a aluna de ontem, cabisbaixa, medrosa, sem voz pode ajudar a professora de hoje a se reconstruir melhor como educadora—contadora de histórias-ser humano?'

A proposição desta escrita é baseada na ideia de que as narrativas são fontes de compreensão dos fenômenos humanos e uma forma de pensar o mundo. E assim, ao narrar uma experiência particular construímos um sentido e damos a ela um

⁶ SOUZA, Elizeu Clementino de. *(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação*. - [Http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf](http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf)

significado sobre a sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciamos e transmitir a experiência e o conhecimento adquirido.

2. “Conte-me e eu te contarei que certa vez...”

2.1. . O início da Experiência

É de sonho e de pó,
o destino de um só”

Trecho de Romaria de Renato Teixeira⁷

O ano era 1977, o Brasil vivia uma ditadura militar e o governo de Ernesto Geisel implantava o “Pacote de Abril”⁸, o general Sylvio Frota foi exonerado do Ministério do Exército pois desejava se candidatar a presidente, só que Geisel não gostou e demitiu o ministro. É criada a ‘Lei do Divórcio’. Nas artes, o ano foi marcado pela morte de Elvis Presley, Charles Chaplin, a cantora Maysa, a escritora Clarice Lispector e o piloto José Carlos Pace. E na cidade de São Bernardo do Campo (SP), na *Escola Estadual do Jardim Jerusalém*⁹, eu iniciava meus estudos na 5ª série no curso de 1º grau¹⁰.

Na sala de aula sempre fui uma aluna comum, igual a tantos outros. Era aquela que tanto na fila quanto na lista de chamada era uma das últimas. Primeiro por meu ‘*corpo dócil*’ ser além da estatura média dos outros e segundo pela inicial do meu nome. E assim na ordenação das fileiras com “cada indivíduo no seu lugar e em cada lugar um indivíduo”¹¹ seguia submissa.

⁷ Essa foi uma das músicas mais tocadas no ano de 1977.

⁸ O Pacote de Abril anunciou as seguintes mudanças:

- Fechamento do Congresso Nacional, conforme permitia o AI-5;
- 1/3 dos senadores seria de indicação da Presidência da República (senadores biônicos);
- Extensão do mandato presidencial de 5 para 6 anos;
- Manutenção das eleições indiretas para prefeitos, governadores e para Presidente da República;
- O quórum para a aprovação de emendas à Constituição passou de 2/3 para maioria absoluta;
- Aumento da representatividade de estados menores no Congresso Nacional, sobretudo no Norte e Nordeste, onde a Arena era predominante.

⁹ Atual E.E. Dr. Francisco Emygdio Pereira Neto.

¹⁰ Atual 6º ano do Fundamental II.

¹¹ Foucault, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

Gostaria de salientar que uma das primeiras recordações da sensação de *experiência* constituída pela *qualidade única da escuta* no ambiente escolar aconteceu juntamente com a Professora Terezinha na quarta série (atual quinto ano) e suas narrações de histórias e como até hoje tenho a sensação de que fui testemunha ocular de *João e Maria* ao ver a bruxa entrar forno adentro, assim como na segunda aula da disciplina ‘Fundamentos da Arte de Contar Histórias’¹² ministrada pelo Prof. Dr. Giuliano Tierno Siqueira e o mesmo nos contou uma história que até hoje consigo enxergar através dele e escutar-ver:

A velha saiu de dentro da lagoa com as mãos apertadas. Os cinco dedos apertados. Quando ela abriu a mão, a mão dela estava cheia de linhas, marcas do cabelo. E foi a partir daí que os homens se diferenciaram dos deuses e receberam cada um a MARCA apertada na palma das mãos.

John Dewey¹³ afirma que experiência no sentido essencial “define-se por aquelas situações e episódios que chamamos espontaneamente de “experiências reais”; por aquelas coisas da quais dizemos, quando as lembramos, “aquela *foi* uma experiência”.

¹² Esta aula foi ministrada no dia 08/04/2017, lembro-me que Giuliano Tierno havia falado que ouviu de alguém essa história e a contou da maneira que ouviu e na minha *experiência de escuta* coloquei o título de *daquilo que me sobrou*.

¹³ Dewey, John. A ARTE COMO EXPERIÊNCIA. In: *Os pensadores*. Abril: São Paulo, 1974.

2.2 - Aqueles que me fizeram forte.

Professor¹⁴

O professor disserta
sobre ponto difícil do programa.

Um aluno dorme,
cansado das canseiras desta vida.

O professor vai sacudi-lo?

Vai repreendê-lo?

Não.

O professor baixa a voz
com medo de acordá-lo.

A memória não se fixa e nesta não fixação dos sete professores¹⁵ que tive na Educação Básica, lembro-me somente de três, os da disciplina de Educação Física, Educação Artística e Português.¹⁶

A professora Cecília de Educação Física era mais alta do que um jequitibá, negra e linda como a noite. Uma das primeiras referências de liberdade, diversidade e lugar de fala que tive na vida. Infelizmente, na sua matéria, eu não era das melhores, pois minha mestra era muito exigente e a cada mês fazia questão de uma modalidade esportiva nova e eu sofria em todas. Era uma verdadeira decepção! Mas, Cecília nunca me decepcionou ou desistiu de mim.

Antes de ir à escola sempre passava - juntos com alguns colegas - pela porta da casa da mãe do meu professor Heinz Heinhart, apertava a campainha e 'pernas para te quero'. Ele tinha uma barba enorme, óculos ao estilo John Lennon, e alguns diziam que ele era comunista, já que havia vindo pequeno da Alemanha Oriental. Seu jeito de ensinar era para alguns 'estranho', uma espécie de Joseph Jacotot do século

¹⁴ ANDRADE, Carlos Drummond. Poesia Errante: Derrames Líricos (E Outros Nem Tanto, Ou Nada). Record: Rio de Janeiro, 1988.

¹⁵ O currículo da época era formado pelas disciplinas: Português, Educação Artística, Educação Física, Inglês, Estudos Sociais, Ciências Prog. Saúde e Matemática.

¹⁶ Apesar de carregar no coração o exemplo e dedicação da professora Cecília, neste artigo colocarei em evidência a professora Maria Alice Stein e o professor Heinz Heinhart

XX com seu método de Ensino Universal emancipando cada aluno para pesquisar aquilo que quisesse. Assim como Jacotot, Heinhart acreditava que:

Emancipar-se significa entender que há em todas as pessoas uma *igualdade de inteligências*, além de acreditar que toda e qualquer produção artística/intelectual humana pode ser compreendida por qualquer pessoa, sem a necessidade de explicações para além de seu próprio conteúdo.

A professora de Português era aquela que tinha o afeto por seu aluno como afirma Luiza Christhov¹⁷:

Afeto do professor é saber quem é seu aluno, como se chama, de que gosta, pelo que se interessa, que dificuldades precisa enfrentar e que medos e inseguranças rondam as tentativas de enfrentamento e superação dessas dificuldades. Ou seja, conhecer o aluno implica em ter empatia, interesse e atenção.

E a ironia foi que ela sabia meu nome, meus medos e anseios e eu durante anos esqueci seu nome só lembrando de sua figura e da *experiência* que tive com ela e foi com a escrita deste TCC que resgatei seu nome.

2.3. Sobre Hoje.

Apesar de você / Amanhã há de ser
Outro dia / Inda pago pra ver
O jardim florescer / Qual você não queria
Você vai se amargar / Vendo o dia raiar
Sem lhe pedir licença / E eu vou morrer de rir
Que esse dia há de vir / Antes do que você pensa

O ano é 2019, o Brasil retorna às mãos dos militares por voto direto. O (des)governo é de Jair Messias Bolsonaro. Nos primeiros cem dias do seu governo

¹⁷ Villela, Fabio C.B, Archangelo, Ana. *A escola significativa e o professor diante do aluno*. 1 ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014. – (Coleção a escola significativa).

mudanças significativas ocorreram no Ministério da Educação (MEC) e temas estruturantes da política seguem em debate e resistência¹⁸.

Neste período de profunda angústia, ausência de lucidez somos confrontados com uma pauta de retrocesso com a expansão da militarização das escolas, tentativas de imposição de uma agenda fundamentalista religiosa, racista e LGBTfóbica inspirada na Escola sem Partido.

Diante desse cenário desolador, como o profissional da Educação consegue manter sua performance na sala de aula, apesar de ser vigiado, filmado, agredido, muitas vezes menosprezado e desrespeitado? E aqui não temos o intuito de um ‘muro de lamentações’, porém constatações sobre o que acontece no universo acadêmico, em específico das escolas públicas¹⁹.

E além de sua performance, performance esta por vezes repetitiva para contar as mesmas regras e cânones para pessoas que naquele momento tem outras vontades; qual o campo dos afetos na escola? Luiza Christov no prefácio do livro “*A Escola Significativa e o Professor Diante Do Aluno*”²⁰ afirma que campo de afeto não é o campo de abraços e beijos, nem convivência harmoniosa. O campo dos afetos é lugar de confronto de intenções, concepções e desejos. Escola para Christov é o lugar de choque de corpos, humores e odores. É o corpo do professor diante do corpo do

¹⁸ Foi extinta a Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (SASE), principal responsável por articular o Sistema Nacional de Educação (SNE), prestar assistência técnica e dar apoio aos estados e municípios no processo de monitoramento e avaliação dos planos decenais de educação, além de implementação do Piso Salarial Nacional. O antecessor no cargo do ministério, Ricardo Vélez Rodriguez, tomou como uma das suas primeiras medidas enviar um e-mail a todas escolas do país solicitando que os alunos fossem filmados cantando o Hino Nacional, também afirmou que haveria “mudanças progressivas” em livros didáticos para que as crianças pudessem “ter a ideia verídica, real” da história, em referência à forma como o golpe militar de 1964 e a ditadura são ensinados nas escolas. O atual ministro da educação, que tomou posse em 8 de abril de 2019, Abraham Weintraub promete varrer questões ideológicas polêmicas do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), segundo ele irá focar mais “técnica de escrever, interpretação de texto, matemática, ciências”; cortar orçamento em todas as federais e bolsas da Capes, punição à balbúrdia das universidades federais começando por Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Federal da Bahia (UFBA), pois segundo ele em entrevista concedida, no fim do mês de abril, ao jornal ‘O Estado de São Paulo’ essas universidades têm permitido “bagunça e eventos ridículos” referindo-se a supostas manifestações políticas e festas com “sem-terra dentro do campus, gente pelada dentro do campus”, sem especificar onde ou quando tais situações teriam ocorrido. Além da disputa travada entre ‘olavistas’ e militares sem nenhum avanço no acesso, inclusão e qualidade de ensino. Dados coletados <http://www.cartaeducacao.com.br/educacaoemdisputa/educacao-em-disputa-100-dias-de-bolsonaro/> Acesso no dia 05/05/2019

¹⁹ Trabalho como professora efetiva de Língua Portuguesa na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo desde 2006 e constato na pele e na alma o que acontece na Educação do nosso estado.

²⁰ Villela, Fabio C.B, Archangelo, Ana. A ESCOLA SIGNIFICATIVA E O PROFESSOR DIANTE DO ALUNO. – 1 ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014. – (Coleção a escola significativa).

aluno e a palavra CORPO tem a intenção de oferecer a imagem do aluno inteiro e do professor inteiro. Ou seja, é o encontro de duas Experiências e Narrativas que se multiplicam e potencializam.

E nesse encontro de experiências, vozes, corpos e aprendizes, a performance começa a se desenhar.

Para Jerzy Grotowski²¹,

“o *Performer*, com letra maiúscula, é um homem de acção. (...) Ele é um fazedor, um sacerdote, um guerreiro. (...) Um professor – como no artesanato - é alguém através do qual o conhecimento está a ser passado; o conhecimento deve ser recebido, mas a forma do aprendiz o reconhecer só pode ser pessoal. (...)”

Se, segundo Grotowski, o Performer é o fazedor de pontes, o elo entre a testemunha e algo (que para nós é a Experiência). Percebemos elos entre o Professor-Performer e o Narrador de Histórias. Contudo, o que é Contar Histórias?

3. “O conto respondeu, eu me calo...” -

3.1. O que é Contar Histórias?

Narrar é uma forma de pensar o mundo.

Heloisa Prieto²²

Contar histórias é trabalho, suor, produção, transformação, ou seja, criação. O contador de histórias imprime sua marca na história a ser contada e esta história por vezes presa no papel, outras vezes solta no ar ou na memória é resgatada pelo contador que coloca – cria – uma roupagem nova e a leva a transitar nos palácios mais suntuosos da imaginação de cada ouvinte. Para Fayga Ostrower²³: “Criar é, basicamente, formar. (...) O ato criador abrange, portanto, a capacidade de

²¹ <http://textoavoltadaperformance.blogspot.com/2010/01/performer.html> - Acessado em 26/09/2018

²² PRIETO, Heloísa. Quer ouvir uma história? Lendas e Mitos no Mundo da Criança. Angra: São Paulo, 1999.

²³ OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987

compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar”. Sendo assim, *narrar histórias e estar em uma sala de aula lecionando é ato de criação e performance* (grifo nosso).

Todavia, perguntamo-nos por que a arte de contar histórias decaiu? O filósofo alemão Walter Benjamin relata que o narrador²⁴ está em vias de extinção, é algo cada vez mais distante e que toda ocasião em que se pede a alguém para contar algo o embaraço se generaliza. Acredita-se que pelo fato de estarmos perdendo a faculdade de intercambiar experiências da leitura da palavra e da leitura de mundo, ora pelo declínio da experiência, ora pela diminuição da socialidade da integração e comunicação entre os indivíduos.

O exercício do contar histórias é de base coletiva e a extinção deste ato proporciona uma crise da experiência, fazendo com que o indivíduo esteja inserido numa sociedade que vive do imediatismo, ou seja, onde não há tempo para a elaboração epistemológica. O contar histórias supõe que as experiências sejam levadas adiante e que se possa contá-las de novo e de novo. Celso Sisto corrobora ao contextualizar que:

Só quando o silêncio interior se torna insuportável é que o contador está pronto para contar uma história. É preciso estar cheio desse silêncio para que contar a história seja absolutamente necessária.

O diálogo permeia o contar histórias, Zumthor²⁵ constata que “ouvindo uma voz ou emitindo a nossa, sentimos, declaramos que não estamos mais sozinhos no mundo”. De encontro a este pensamento, Benjamin²⁶ relata que “quem escuta uma história está em companhia do narrador”, porque há dois ouvidos simultâneos. A interlocução do processo de comunicação contribui, conforme Paulo Freire²⁷, a vivenciar esta ação: “o diálogo é o encontro amoroso dos homens que mediatizados

²⁴ Usamos a denominação de narrador para o contador de histórias.

²⁵ *Idem. Recepção e leitura*. São Paulo: EDUC, 2000, p.101

²⁶ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura – Obras Escolhidas – Volume I**. São Paulo: Brasiliense, 1994, 213.

²⁷ FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 43.

pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos.”

Enfim o trabalho da Arte do Contar Histórias é um fazer artístico árduo, consirte dedicação, leitura, questionamento, estudo da funcionalidade da apropriação da performance, doação, entrega, se jogar no abismo pelo simples fato de querer e acredita que aquele abismo (história) vale a pena, tanto para o narrador quanto para o ouvinte. Mas, E o professor?

4. “Caminha hoje, caminha amanhã, de tanto caminhar se faz o caminho”

4.1. E o professor?

Professor

1 aquele que professa uma crença, uma religião

2 aquele cuja profissão é dar aulas em escola, colégio ou universidade; docente, mestre

2.1 aquele que dá aulas sobre algum assunto

2.2 *p. ext.* aquele que transmite algum ensinamento a outra pessoa

3 aquele que tem diploma de algum curso que forma professores (como o normal, alguns cursos universitários, o curso de licenciatura etc.)

4 *fig.* indivíduo muito versado ou perito (em alguma coisa)

<https://houaiss.uol.com.br>

Professor o que é? Profissão em crise? Profissional que é culpado por todos os males da sociedade? Por vezes, se sente inseguro pela legitimidade de sua profissão. Afinal de contas, o que se espera de um professor? O que é necessário para a formação desse profissional? Como é a performance de um professor que faz com que seus alunos voltem e voltem?

Fabiana Rubira²⁸ em sua dissertação de mestrado afirma que a educação nos dias atuais é conteudista e fragmentada, oferecendo migalhas de conhecimentos e assim o aluno não tem um acesso contextualizado, ele não cria vínculos entre “o ser aprendente e o seu objeto de aprendizado” e assim vê somente grandes peças soltas,

²⁸ RUBIRA, Fabiana de Pontes. **Contar e ouvir estórias**: um diálogo de coração para coração acordando imagens. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.48.2006.tde-04042014-133433. Acesso em: 2019-06-11.

não podendo construir seu grande mosaico ou quebra-cabeças de conhecimentos e experiências. Não percebe (ou não o deixam perceber) o diálogo entre as várias disciplinas.

George Steiner²⁹ afirma que “O magistério autêntico é uma vocação. É um chamado” e ensinar seriamente é:

“pôr as mãos no que há de mais vital no ser humano. É tentar ter acesso ao que há de mais sensível e de mais íntimo da integridade de uma criança ou de um adulto. Um Mestre invade, força a abertura, é capaz de devastar a fim de purificar e reconstruir.”

Forte, isso... ‘*capaz de devastar a fim de purificar e reconstruir*’. Contudo, para os verdadeiros Professores esta reconstrução é feita a partir da *educação de sensibilidade* que Rubira descreve como aquela que respeita a experiência como modo de vida do humano e essa educação e sensibilidade:

“não acredita na aquisição efetiva do conhecimento apenas pelo intelecto; pois, numa concepção educativa sensível, para que haja incorporação de conhecimento, este deve passar pelo nosso corpo, sendo capturado por nossos sentidos, o que resultaria num desenvolvimento de nossa percepção, de nossa sensibilidade e de nossos pensares racional, emocional e imaginativo.”

E se a escola é um espaço de encontro, iniciação, local de aprendizado, partilha, ponto de ebulição de cultura quais os motivos que fazem a criança que no início de sua jornada tinha ânsia do aprender e depois dos dias e anos letivos vê essa vontade se evaporar? E o professor que no início dos seus dias de magistério começa com aquele impulso de ensinar e todos dizem: “Isso é só o começo!” “Eu também era assim! Você verá que essa vontade vai passar.”

Contudo, como fazer para essa vontade e desafio constante da sala de aula nunca se evaporar? Talvez o recontar da experiência da Vanessa-menina com seus professores possa nos ajudar a responder, ou apenas reformular outras questões.

²⁹ STEINER, George. *Lições dos mestres*. Tradução de Maria Alice Máximo. - 2º edição – Rio de Janeiro: Record, 2010.

4.2. Minha Professora Maluquinha.

Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!³⁰

E cá estamos de volta ao começo, no ano de 1977 e Vanessa-menina iniciava seu rito de passagem em direção ao ginásio (PEB II) e naquele emaranhado de disciplinas, ela se perdia e se calava mais e mais. Na minha jornada do herói entre cadernos com várias matérias (maiores e por vezes mais pesados do que eu era) uma luz começava a despontar nas disciplinas de Língua Portuguesa e Educação Artística.

Sei que a memória traí, mas a experiência e o gosto do afeto da *educação de sensibilidade* acalentam minha alma toda vez que lembro daquelas aulas. E assim prossigo meu relato.

Quando criança minha primeira biblioteca visitada foi através da voz, por intermédio das palavras de minha avó Isabel e meu avô Quilau que contavam inúmeras ‘estórias’ que me fascinavam, como morávamos em um lugar que não havia biblioteca e a família não tinha hábito de comprar - muito menos ler livros - a voz e a memória de meus avós foram minha mais rica biblioteca e lá ‘li’ através da fala de Seu Quilau e Dona Isabel os contos de encantamentos, exemplos, animais, acumulativos, religiosos, adivinhação, anedotas e tantos outros . Com eles, tive acesso aos meus *livros falantes*, à minha primeira biblioteca, minha biblioteca viva, foram eles meus ‘griots’³¹. Infelizmente, nesta época e durante muito tempo, os livros não fizeram parte da minha vida e foram as histórias contadas de ‘boca’ que ajudaram a moldar meu caráter, minha imaginação, concepção de vida e como afirma Luís da Câmara Cascudo (2003):

³⁰ QUINTANA, Mario. *Caderno H. 2a. edição. São Paulo: Globo, 2006. p.107. Conferido novamente em sua Poesia Completa – Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005, p. 257*

³¹ Na África, costuma-se dizer que cada velho que morre é uma biblioteca que se queima. Isso é dito por que neste modelo de cultura, em que as mudanças de uma geração para a outra são mínimas, são eles que poderão transmitir às novas gerações a riqueza cultural de seu povo. Este é o motivo pelo qual o homem da cultura oral é tão conservador e vê como temerária qualquer inovação, pois ela poderia provocar a perda da memória ancestral do grupo e, com isso, gerar uma enorme confusão, levando a outra perda: a da identidade do grupo.

O conto, a lenda, a adivinhação são histórias que ouvimos quando crianças constituem a iniciação à cultura geral. Por elas, aprendemos as noções claras da justiça, a soberania da bondade, o inevitável castigo do mau.

O primeiro livro que pude chamar de meu foi a cartilha *Caminho Suave*³² utilizada na minha alfabetização e eis que anos depois, nas aulas de Língua Portuguesa, minha professora, Maria Alice Stein, aparece com vários gibis, revistas Recreio³³, textos mimeografados de Mário Quintana, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Fernando Sabino, Millôr Fernandes, folhas soltas com letras de música da revista Violão e Guitarra³⁴, diversos livros e ela nos sentava numa espécie de roda e juntos assim como uma onda, navegávamos e iniciamos o desbravamento da leitura. Leitura essa, por início, travada e tímida e com o passar dos dias letivos ansiada, querida, solta e falada a plenos pulmões. O mestre Paulo Freire³⁵ nos conta que:

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da *compreensão*. Da compreensão e da comunicação.

Nossa *professora maluquinha* nos deixava escolher o texto que queríamos ler e quem quisesse (ela sempre dava – com muita generosidade e carinho – uma ‘forcinha’, nos persuadia a sairmos do casulo) ir para o centro da sala de aula e partilhar a nossa leitura. Centro esse que era o palco e o MUNDO e assim íamos

³² Essa cartilha foi lançada em 1948, a partir de um método de alfabetização baseado em imagens desenvolvido pela educadora Branca Alves de Lima (1911-2001).

³³ Essa revista foi lançada na década de 60 com intuito de entreter e divertir as crianças, lançou grandes nomes da literatura para infância como Ruth Rocha e Ana Maria Machado.

³⁴ Eram revistas pequenas, geralmente impressas em papel jornal com as cifras das músicas, os estilos iam de MPB ao Brega.

³⁵ FREIRE, PAULO. *Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar*. Editora Olho D'Água, 10ª ed., p. 27-38)

fazendo nossa leitura de mundo, vivíamos o processo de mudança no aprender e éramos protagonistas no nosso aprendizado. Talvez, minha professora compartilhasse as ideias de George Steiner que afirmava que:

“A força básica do ensino é a persuasão. O professor solicita atenção, concordância e, na melhor das hipóteses, a discordância colaboradora. Ele espera confiança: “trocar amor por amor e confiança por confiança” como disse Marx, idealista, em seus manuscritos de 1844. A persuasão pode ser igualmente positiva – “venha compartilhar comigo desse saber, siga-me nessa arte e pratique, leia esse texto” – e negativa – “não creia nisso, não perca tempo com isso”. A dinâmica é a mesma: construir uma comunidade através da comunicação, uma coerência de sentimentos, paixões e recusas compartilhadas.”

Uma das estratégias usadas por Maria Alice para trabalhar com todos na sala de aula era colocar os mais tímidos como *jurados* e assim eles tinham que dar retornos positivos e tínhamos que racionar e falar de maneira argumentativa. Argumentos esses criados pelo afeto, se gostei quais foram as sensações, quais os motivos, o que me chamou a atenção.

Estar ali era estar pulsante, seja lendo, seja estar no júri ou simplesmente ouvindo e torcendo pelos amigos. Todos nós éramos protagonistas! Cada um tinha uma função e essa não era imposta, cada um de nós exercíamos aquilo que mais gostávamos naquele momento. Todos nós éramos chamados pelo nome e não pelo número da chamada e foi ali que percebi que era vista e ouvida e talvez seja por isso que a Vanessa-educadora-contadora-de-histórias preze tanto a opinião dos alunos e que os chame pelo seu nome para fazer com que eles saibam que eu os vejo e os ouço e que junto com eles também estou presente. Assim como fui alimentada com *Carne de Língua*³⁶ e da ‘anorexia’ das dores do cotidiano ressurgi, tento alimentar a todos com essa *Língua* que floresce e faz crescer.

Tento me lembrar da gramática, ortografia, enfim da escritura aprendida naquela época e sinceramente não me lembro de absolutamente nada, foi com ela que vislumbrei a importância do contar histórias para manter a saúde do corpo, da

³⁶ *Carne de Língua* é um conto africano retira do livro *AS NARRATIVAS DE UM CONTADOR DE HISTÓRIAS*, de Ilan Brenman. A história completa consta em ANEXO.

alma e da mente e carrego a experiência, a sensação de que aprendi muito além das habilidades e competências curriculares e me tornei outra além de mim. Assim percebo a potência da *experiência* e trago aqui Jacques Rancière³⁷ ao afirmar que:

“A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo.

Também a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo.”

E foi assim, no meio da tempestade que aprendi a voar e guardei no peito meu *Poeminho do Contra*, meu poeminho-mantra que minha querida professora me deu de presente de Mário Quintana e com eles aprendi a abrir as asas.

4.3. Meu Professor-Aprendiz.

Todo dia é dia,
Toda hora é hora,
De saber que esse mundo é seu...
Se você for amigo e companheiro,
Com alegria e imaginação...
Vivendo e sorrindo,
Criando e rindo...
Será muito feliz e todos,
Serão também!³⁸

³⁷ RANCIÈRE, Jacques. O MESTRE IGNORANTE – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Valle – 3. Ed. 6. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

³⁸ *Alegria da Vida*, de Paulo Sérgio Valle, Nelson Motta e Marcos Valle. Música de aberturado programa *Vila Sésamo*.

Naqueles tempos, o que via ou ouvia era aquilo que a TV da época me proporcionava. Lembro-me de *Vila Sésamo*³⁹ e uma infinidade de novelas que eram minha espécie de *Google* daquele período, pois me davam respostas de uma parte do mundo que meus pais e professores não sabiam ou não queriam me explicar. E foi com *Vila Sésamo* que iniciei o saber do que era Arte. Ernst Fischer em seu livro *A necessidade da Arte* diz que: “A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente.”

Como havia mencionado, meu professor de Educação Artística, Heinz Heinhart, naquele período era um jovem estudante que, segundo suas palavras: “Estagiava como professor-aluno e tentava pôr em prática aquilo que aprendia nas aulas da faculdade, colocava tudo do meu jeito, jeito esse que intuía ser o mais coerente.”

E essas aulas de Educação Artística eram educação de sensibilidade, pois dialogavam com as artes plásticas, literárias, musicais, teatrais.

Recordo-me do primeiro trabalho de pesquisa que fiz na vida passado por Heinhart, ele dividiu os alunos aleatoriamente e pediu a cada grupo que pesquisasse sobre um músico clássico. Ao meu grupo coube Ludwing van Beethoven, eu que todas as manhãs era acordada pelo ‘Bom dia’ de minha mãe e pelo ‘Joga água nele’ do Zé Bettio no rádio adentrei em um mundo totalmente desconhecido. Descobri que o músico teve uma infância conturbada e um pai alcoólatra – o que me fez identificar com ele imediatamente - e que mesmo com uma doença sem tratamento na época, sua surdez, e a depressão sobreviveu através da arte.

³⁹ Esse programa infantil foi apresentado pela Rede Globo de 1972 a 1977 durante a semana em duas edições diárias e sua duração diária variou ao longo dos anos. Na versão brasileira, o cenário de *Vila Sésamo* representava uma vila operária na qual crianças conviviam com adultos como o bem-humorado Juca, um faz-tudo local, capaz de consertar qualquer coisa. Gabriela, sua esposa, atenciosa, paciente e doceira de mão cheia; Ana Maria, uma professora brincalhona namorada de Antônio, motorista de caminhão. E ali, eram apresentados pequenos esquetes com duração máxima de três minutos e a mesma informação era repetida mais de uma vez e com tom de brincadeira, o programa ensinava, estimulando o raciocínio e transmitia noções básicas do alfabeto, número e cores. O interessante era que o programa contava com participações de crianças entre 3 a 10anos de escolas públicas e nem preciso dizer qual era o sonho de todas as crianças de São Bernardo do Campo naquela época.

Heinhart fez com que a Vanessa-menina se emancipasse ao me deixar mergulhar no meu aprendizado, pois como Rancière⁴⁰ afirma:

Para que a emancipação aconteça, pode ser válida a figura do *mestre ignorante*, isto é, um mestre que ensina aquilo que ignora. Mestres que ensinam aquilo que sabem raramente não dão muitas explicações. Ou seja, podem atrapalhar mais do que ajudar. Um mestre que ensina o que ignora pratica o seguinte método: na medida em que o aprendiz vai mergulhando no conteúdo que deseja aprender—e ele o faz por meio de uma *coisa*, que pode ser um livro ou um filme, por exemplo—ele vai sendo inquirido pelo mestre. “O que você vê? O que pensa disso? O que poderia fazer com isso?” Essas são as três perguntas básicas. Dessa forma, o mestre vai demonstrando *curiosidade* pelo conhecimento que o aprendiz vai construindo, permitindo a este expressar o que está aprendendo e, assim, consolidar e sistematizar o que absorve do mundo.

E assim, procurei as palavras e o jeito de apresentar Beethoven⁴¹ para a classe afirmando com a plena convicção que carrego até hoje de como era (é) *legal* ouvir música clássica.

Lembro-me que foi também aí que comecei (a minha maneira) a contar e recontar histórias, pois meu mestre das Artes no ensino fundamental também solicitava que apresentássemos ‘peças teatrais’. De início, ele pedia que observássemos aquilo que víamos ou gostássemos e assim começamos em um primeiro momento a repetir aquilo que víamos na televisão, no caso foi “*A Praça da Alegria*”⁴², programa que a grande maioria dos pais assistiam na época. Num grande esforço coletivo adaptamos os personagens a nossa maneira, e eu fui a Catifunda ,

⁴⁰ RANCIÈRE, Jacques. O MESTRE IGNORANTE – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Valle – 3. Ed. 6. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

⁴¹ A pesquisa foi feita na casa da Elaine – ela era a mais ‘rica’ do grupo e tinha uma Enciclopédia Barsa em sua residência e o meu pai conseguiu um LP da Coleção Abril Cultural do músico e como eu tinha que ser a ‘guardiã’ do LP fui obrigada a apresentar o trabalho.

⁴² Praça da Alegria, um dos marcos do humor na televisão brasileira, foi criada em 1956 por Manoel da Nóbrega. Sentado no banco de uma praça, inspirada em milhares de outras espalhadas pelo país, ele era observador, ouvinte e interlocutor de personagens cômicos que se tornaram ícones do imaginário brasileiro, como a Velha Surda (Rony Rios) e Pacífico (Ronald Golias), entre muito outros.

O humorístico estreou na TV Paulista e, em 1958, passou a ser exibido na TV Rio. Em 1963, mudou-se para a TV Record, que o exibiu até 1970. Em 1977, um ano após a morte de Manoel da Nóbrega, a Globo voltou a exibir o programa, como forma de homenagear seu criador.

A Praça da Alegria repetiu a Globo o sucesso dos tempos de Manoel da Nóbrega, mas saiu da programação em 1978. A partir de 1987, sob o comando de Carlos Alberto da Nóbrega, o programa voltou a ser exibido pelo SBT, com o nome de A Praça é Nossa.

personagem da atriz Zilda Cardoso, uma ladra carismática que não tinha vergonha de contar seus trambiques, enquanto fumava um charuto e reclamava da concorrência desleal dos “colegas de profissão”. E a partir daí, começamos a criar nossos próprios textos teatrais desde a escrita até figurinos, adereços e direção. E assim a experiência deu sentido à nossa educação, pois como Jorge Larrosa⁴³ diz:

“Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sábio. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo.”

E foi assim, no fim da tempestade, fui me transformando em arco-íris na sala de aula e aprendendo a conviver com as dores e ressignificá-las.

5. “No tempo em que não havia tempo, num lugar que era lugar nenhum...”

5.1. Minha trajetória no Magistério.

Tempo Tempo Tempo Tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo Tempo Tempo Tempo
Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo Tempo Tempo Tempo
Ouve bem o que te dig

E o tempo passou, as pedras rolaram, a Vanessa-Adulta, agora Professora se encontra no meio do universo de tantos jovens que estão por vezes destruídos, magoados. E aquela que não tinha voz, que não tinha corpo agora ajuda na construção daqueles que estão se moldando e tentando se libertar. Porém, para ser essa professora que aponta o arco-íris, que aponta um novo caminho, que liberta o

⁴³ LARROSA, Jorge. *Elogio da escola*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

passarinho para voar na imensidão do céu, o que é necessário? O que eu preciso ter? O que é necessário fazer?

Antes de continuar tenho que compartilhar como foi meu ingresso na carreira 'oficial' do magistério. Fiz o concurso público para provimento de cargo de professor Educação Básica II no ano de 2003 quando ainda cursava Letras no Centro Universitário Fundação de Santo André e aceitei o 'desafio' do meu professor José Marinho do Nascimento⁴⁴. Ele acreditava que todos nós tínhamos potencial de entrar em um concurso público sem nos 'matarmos' de estudar, pois segundo ele o aprendizado das aulas ainda estava 'puro' em nossas mentes e também ele 'sonhava' com uma espécie de nova legião de professores no ABC Paulista. Contudo, ele pedia para não nos esforçarmos tanto na prova para que desse tempo para a conclusão do curso e termos em mãos o tão cobiçado diploma. E assim, quase uma classe inteira do período noturno ingressou entre 2005 e 2006 na rede pública estadual. E eu fui uma dessas pessoas, passei no concurso de Inglês e Português, porém como Caetano Veloso sempre gostei de:

Sentir a minha língua roçar a língua de Camões / Gosto de ser e de estar / E quero me dedicar a criar confusões de prosódia / E uma profusão de paródias / Que encurtem dores / E furem cores como camaleões / Gosto do Pessoa na pessoa / Da rosa no Rosa / E sei que a poesia está para a prosa / Assim como o amor está para a amizade / E quem há de negar que esta lhe é superior? / E deixe os Portugais morrerem à míngua /
MINHA PÁTRIA É MINHA LÍNGUA"⁴⁵

E dessa forma, ingressei como professora de Língua Portuguesa na escola estadual Olavo Hansen, na cidade de Mauá⁴⁶.

Preciso admitir que estar em sala de aula nem sempre foi fácil, ou melhor, nunca é fácil. Quando comecei tinha experiência zero como professora de rede pública, trabalhava como contadora de histórias e dava formação para jovens e

⁴⁴ José Marinho do Nascimento, meu querido Marinho, foi meu professor de Literatura Brasileira em 2001 e Língua Portuguesa em 2002 e 2003 no Centro Universitário Fundação Santo André. Desde jovem poetizou as palavras e suas aulas e sempre dizia que é "Professor metido a poeta ou poeta metido a professor. O que doer menos".

⁴⁵ Trecho da música LÍNGUA de Caetano Veloso lançado no LP *Velô* em 1984.

⁴⁶ Localizada na região sudeste da Região Metropolitana de São Paulo, no ABC paulista, Mauá tem 425.169 habitantes e 61,886 km² de extensão territorial.

multiplicadores da região do ABC Paulista e isto quer dizer que as pessoas iam fazer o curso porque queriam e cinquenta por cento da sedução do aluno já estava feita, eles queriam estar ali comigo aprendendo e compartilhando histórias. E na sala de aula como seria esse querer de estar ali?

Foi desse modo que comecei a relembrar meus tempos de escola e a pergunta “que professora eu queria ser?” começou a martelar em minha mente. Foi um tempo muito árduo esse começo e a conjugação era sempre do verbo ESTAR professora e nunca SER professora.

Marisa Lajolo⁴⁷ reitera que:

O professor de Português deve dispor de uma noção ampla de linguagem, que inclua seus aspectos sociais, psicológicos, biológicos, antropológicos e políticos. Ele deve ser usuário competente da modalidade culta da Língua Portuguesa. Deve, nesse sentido, ser uma espécie de poliglota: precisa dominar competentemente várias modalidades da linguagem de forma que, se disser *nóis* e se escrever *paçarinho*, irá fazê-lo por opção consciente e não por desconhecimento de outras opções.

O professor de Português deve estar familiarizado com uma leitura bastante extensa da literatura, particularmente da brasileira, da portuguesa e da africana de expressão portuguesa. Frequentador assíduo dos clássicos, sua opção pelos contemporâneos, pelas crônicas curtas ou pelos textos infantis deve ser, quando for o caso, mera *preferência*. Em outras palavras: o professor de Português pode não gostar de Camões nem de Machado de Assis. Mas precisa conhecê-los, entendê-los e ser capaz de explicá-los.

O professor de Português deve estar familiarizado com a história do ensino da Língua Portuguesa no Brasil, com a história da alfabetização, da leitura e da literatura na escola brasileira. Pois só assim poderá perceber-se num processo que não começa nem se encerra nele, e poderá, no mesmo gesto, tanto dar sentido aos esforços dos educadores que o precederam, como ainda sinalizar o caminho dos que o sucederão.

Lembro-me que a única coisa que eu tentava ser nesse início era ser uma espécie de poliglota da minha própria língua, não para dominar as competências

⁴⁷ LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo : Ática. 1994, 3º Ed., p. 21,22.

curriculares, mas para não surgir um abismo maior entre mim e os alunos. E assim, a cada dia tentava aprender.

O aprendizado da Vanessa-educadora era muito difícil e triste, lembro-me que o ponto de virada foi em 2010. Desde minha entrada na rede estadual, havia me afastado das minhas apresentações de narrações de histórias, dos cursos e workshops que ministrava e só estava na sala de aula e assim a depressão⁴⁸ com toda a sua força se instalou.

Percebi que se um professor adoece, o aluno também adoece e assim com todos doentes não conseguia nada, era uma morte em vida.

Em julho de 2010, para melhorar a dor fui passar férias em Belo Horizonte, Minas Gerais (minha terra natal), fui atrás de minhas raízes, pois como diz um provérbio africano: “se você não sabe para onde vai olhe para trás e descubra de onde veio”. Entre visitas a parentes, pão de queijo e muita prosa encontrei-me com a autora e contadora de histórias Gislayne Avelar de Matos que contou-me uma história recontada aqui com minhas palavras:

A MORTE

Era uma vez, uma mulher, ela era viúva. E seu filho era seu bem mais precioso, era o ar que ela respirava!

Quis o destino que o filho viesse a falecer. Essa mulher ficou desesperada, ela sentia uma dor como se tivesse arrancado um pedaço do seu corpo.

E as perguntas que a todo instante ela fazia: - Por que com ele? Por que agora? Por que? Por que?

A dor, ela já tinha acostumado a conviver com ela, mas as perguntas... ela precisava de respostas. Na cidade onde morava havia um sábio e ela pensou: - Se ele é sábio deve ter perguntas para todas as respostas.

Foi até a casa do sábio contou toda a sua história, o sábio a observava com aquele olhar que todo tem e ele disse: - Você quer respostas para suas perguntas? Muito fácil! Me traga sementes de mostardas que eu te darei todas as respostas.

⁴⁸ Segundo estudo da APEOSP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), quarenta por cento dos professores afastados são por depressão. Gostaria de salientar que não entrarei no quesito das causas da depressão em sala de aula, pois esse assunto deve ser tratado com muito cuidado e maior estudo.

A mulher quando ouviu aquilo encheu seu coração de esperança e quase saiu correndo à procura das sementes. Na varanda de sua casa, o sábio gritou: - Mas, há uma condição, só serve sementes de mostarda de casas onde ninguém tenha morrido.

A mulher ouviu aquilo e saiu em direção à sua busca.

Ela saiu batendo de casa em casa e perguntava:

- Você tem sementes de mostarda?

E a pessoa respondia: - Aqui tem, mas meu avô morreu!

- Não, não serve! Você tem sementes de mostarda?

- Tenho, mas uma irmã morreu!

- Não, não serve! – Você tem sementes de mostarda?

- Tenho, mas meu tio...

- Não!

A mulher insistia, mas sempre ouvia a mesma resposta: - Aqui tem sementes de mostarda, mas ontem, hoje alguém já partiu.

Mas, a mulher insistia, até que ... sabe aqueles *insights* que a gente tem? Pois, é! Ela teve e pensou: - A vida faz parte da morte, a morte faz parte da vida. Acontece com todas as pessoas. Não há vida sem morte, nem morte sem vida e se eu quero honrar a memória do meu filho tenho que aprender aquilo que nunca morre.

A mulher voltou correndo para sua cidade e foi direto para casa do sábio que olhou para ela com aquele olhar que só os sábios têm e perguntou: - Você me trouxe a semente de mostarda?

A mulher sorriu e respondeu: - Eu entendi! A vida faz parte da morte e a morte da vida. E mesmo que o criador me dê a alegria de trazer meu filho de volta sei que um dia ele irá perecer. E se eu quero honrar a memória dele e de todos os que vieram antes de mim, eu tenho que aprender aquilo que nunca morre. E eu estou aqui pronta, inteira!

Dizem... eu não sei ao certo, que ela aprendeu muito. Fez da ausência, presença.

Dizem...eu não sei ao certo, ela está por aí, contando e recontando histórias.

Foi nesse instante que percebi que para renascer teria que voltar a contar histórias, ou seja, voltar a estar mais unida com a Arte, pois como Ernst Fischer afirma: "A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo, reflete a

infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias.”

E lembrei-me que os professores da Vanessa-menina teciam a Vida com Arte e era isso que a fazia voltar apesar das dores no ambiente familiar. A Arte de Contar Histórias era contar todas as histórias mais variadas possíveis, não só dos livros, mas do cotidiano, da vida e assim aprendi a me salvar na escuta das histórias.

Ao me deparar com *aquilo que nunca morre*, percebi que é possível fazer Arte em sala de aula e que o Professor como o Contador de Histórias é um alfabetizador do simbólico. A Arte, numa sala de aula, é muito além do que aquilo que nós achamos que é arte. A Arte de Contar Histórias é saber que ensinar Língua Portuguesa é muito mais que regras gramaticais, é contar bem a história da oração subordinada substantiva subjetiva ou sobre o artigo seja ele definido ou indefinido, ou o que é fazer uma resenha, ou o uso da norma culta padrão ou a não padrão. É aprender a ler o mundo e a perceber a vida que vai em cada coisa e a reaprender aquilo que eles (a Vanessa-criança-adulta-educadora-contadora-de-histórias e seus mestres-aprendizes) já sabiam sem saber que sabiam sobre voos, arco-íris e o mundo e juntos nesse *encontro* reinventado a cada dia observar o céu e ver uma revoada de Pássaros.

6. “Eu contei essa história, que outros antes de mim contaram, eu a derramei na taça de suas memórias para que vocês a levem...” –

6.1. Conclusões ou seriam novas indagações?

“Levanta essa cabeça
Enxuga essas lágrimas, certo? (Você memo)
Respira fundo e volta pro ringue (vai)
Cê vai sair dessa prisão
Cê vai atrás desse diploma
Com a fúria da beleza do Sol, entendeu?
Faz isso por nós
Faz essa por nós (vai)
Te vejo no pódio”

Trecho da música AmarElo de Emicida, Belchior, Felipe Vassão e DJ Duh

Chegando aqui no que julgamos ser o final para um outro novo começo acreditamos que para uma possível *performance do professor* é necessário a Arte de Contar Histórias, pois como atesta Fabiana Rubira:

“todo professor é um narrador em potencial, pois, assim como o contador de estórias, ele também é um portador da palavra, aquele que leva a palavra até o que escuta. Acredito que todas as pessoas tenham esse narrador em potencial dentro de si, pois o narrar é típico do humano, mas o professor exercita com maior frequência esse expressar-se por meio de palavras e gestos culturais que ensinam; logo, penso que eles poderiam estar mais próximos desse narrador ancestral que habita em nós. (...) não há fórmulas nem receitas infalíveis a serem seguidas: o que precisa, em geral, ser feito é acordar esse narrador ancestral que existe em nós (...).”

Foi esse narrador ancestral que fazia a Vanessa-menina voltar com os olhos brilhantes de esperança e é o acordar desse mesmo narrador ancestral da Vanessa-Adulta que fez e faz a aluna que se cortava todos os dias parar com o fio da navalha em seus pulsos para ouvir minhas narrativas durante a semana, ou o aluno que em depressão profunda que me olhou e disse: “- Fica tranquila! Eu sei que você me vê e está aqui!”, e tantos outros e outras que carrego na alma e me confiaram uma vida inteira e através das histórias e performances na sala de aula tentamos em conjunto nos curar e prosseguir de cabeça erguida.

O professor e o contador de histórias não têm a expectativa do ‘silêncio absoluto’ custe o que custar como diz Regina Machado, pois na sala de aula como no contar histórias a expectativa não é de acertar e sim de poder *presentear*, estar Presente mesmo que seja no caos de uma sala de aula. O professor e o contador de histórias cultivam a atenção e a delicadeza como atesta Giuliano Tierno, pois ambos falam sobre o que lhe acontece e sabem que na *arte do encontro* por vezes é necessário calar e ter paciência para escutar a história do outro, pois a vida (performance) na sala de aula é a criação da relação de encontro e este encontro pode ser com o desconhecido.

O humorista Diogo Almeida⁴⁹ faz um relato emocionante e preciso em seu show de stand-up sobre o que é ser professor:

“A vida do professor é uma enchente... é uma enchente, porque você quase não tem opção de escolher. Você vai trilhando um caminho que as pessoas escolhem por você. Às vezes, você está na turma que você não queria estar. Você está trabalhando numa escola que não gostaria. (...). E você se pergunta quando as coisas vão melhorar! (...) Enquanto você fica pensando no porquê, você está na enchente, você nunca vai achar uma resposta. (...) Você está na enchente não é por você, não é para se salvar. Você está na enchente para resgatar pessoas. Você está na enchente porque tem aluno que precisa de você lá. E você é a única esperança que aquele aluno tem de ser resgatado. (...) Você até aceita se perder na enchente, mas você nunca vai aceitar uma vida passar por você e você não ter feito nada para resgatar.”

Você resgata e juntos tentamos o início da reconstrução e dessa maneira a Vanessa-menina acalenta a Vanessa-adulta, pois ambas sabem que foram resgatadas e que a trincheira que ‘elas’ chamam de sala de aula é um palco onde existe inúmeras possibilidades de enredos e histórias.

⁴⁹ Trecho retirado do stand-up *A vida do professor é salvar vidas*. https://www.youtube.com/watch?v=6jrGmlhCf8&list=LLUH_98PhVk0QlRhkaMtA0Zw&index=14&t=0s – Acessado em 24/05/2019.

7. ANORMAL⁵⁰

Como começar aquilo que acho que já acabou? Como escrever essa dor que habita?

Durante o ano de 2019, teci uma escrita memorialística sobre meu ofício de professora-narradora-de-histórias.

A data marcada para o encontro e sobre minhas escritas estava marcada: 08 de abril!!

A pandemia⁵¹ veio provocado pelo Covid-19⁵², as aulas foram suspensas, a dor, a perda, o luto. O mundo parou.

Terminei o texto falando sobre a enchente e nela me encontro até agora. As aulas suspensas, o não saber – naquele momento – a lecionar remotamente, o que fazer, como fazer, por que fazer.

Afirmo que foi muito difícil, mas agora sentada aqui digitando em primeira pessoa essas palavras que arrebatam meu peito percebo que de novo renasci.

Reaprendi, aprendi, chorei muito, briguei com a máquina, falei milhões de vezes: - Seu microfone está mutado! – Ih, ela travou! - Liga a câmera! – Eu vou compartilhar essa tela com vocês.

E nesse movimento, apesar de distante, aconteceu o encontro. Meu número de WhatsApp roda por todo o Bairro do Bixiga, de São Paulo e boa parte do Brasil com mensagens dizendo: - Professora, tem lição? Professora, eu estou trabalhando só

⁵⁰ O texto foi escrito em primeira pessoa e em um jorro de palavras e anseios que há muito estava em meu peito durante esse período lecionando em tempos de pandemia.

⁵¹ Pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa.

⁵² É uma doença provocada pelo Sars-CoV-2, que ficou conhecido como novo coronavírus. Há outros membros da família de coronavírus, como o Sars, o Mers e outros agentes infecciosos responsáveis por resfriado comuns. A mortalidade considerável, a capacidade de transmissão (inclusive entre assintomáticos) e os diferentes sintomas provocados alçaram essa doença ao posto de uma das maiores pandemia da história. O primeiro registro da doença ocorreu no fim de 2019, na cidade de Wuhan, na China. Mas os pesquisadores ainda buscam a origem exata do vírus, o que pode ajudar a conter a transmissão.

consigo falar com a senhora de noite, pode ser? – Professora, minha mãe morreu de Covid! – Professora, arranjei emprego. – Professora, estou mudando de estado já não dá mais para viver aqui. – Professora, me ajuda!

E eu enxerguei o tempo passar, aquela Vanessa-menina que tanto precisava da ajuda dos professores, hoje é aquela que ampara (não digo isso como elogio a mim mesma, mas só a constatação de que realmente o tempo é um dos deuses mais lindo) e encontrei no ato de contar e recontar histórias a maneira de me conectar com os alunos.

O *instagram* foi a ‘praça’ do encontro e lá postava leituras, escritas e histórias.

E do fundo do meu coração digo que não tenho a menor ideia de como se configurará esse retorno às aulas, como será que faremos para recuperar o que por vezes é irrecuperável. Contudo, a única certeza que tenho é que sai mais potente como profissional da educação e que existem ‘fissuras’ que nos fazem respirar e vislumbrar o novo amanhecer.

Também busquei inspiração na técnica de *fotomontagem digital com aparelhos móveis* criando fotomontagens que expressassem ideias, sentimentos e que pudesse me auxiliar no ato de narração de histórias das minhas memórias e processo nestes tempos pandêmicos.

Coloco abaixo, os links⁵³ dessa ‘classe nas ondas cibernéticas’ onde contei e recontei histórias para e com meus alunos e alunas.

https://www.instagram.com/tv/B-AFKxsnG9u/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/tv/B-ITu6vHu0N/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/tv/B-Mr86-neVM/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/tv/B-XMJWoH2vW/?utm_source=ig_web_copy_link

⁵³ Os links são do instagram @<https://www.instagram.com/donavanessacastro/?hl=pt-br>

https://www.instagram.com/p/B-nxCYVnGAz/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/tv/B-r1h46HEGq/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/tv/B-7U54BHxji/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/p/B_AqjgsnUnH/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/tv/B_QeZZPnoSf/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/tv/B_iWu7vHRbD/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/tv/B_5VRzSHfnk/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/tv/CARDiEGA8Fw/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/tv/CBEn81ugZfP/?utm_source=ig_web_copy_link7

https://www.instagram.com/tv/CBoO0xyHzCM/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/p/CB6UUwunK0I/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/tv/CCJocjCna_l/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/p/CCrO0B0natT/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/p/CC3h96JnnND/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/p/CDfFcXon70R/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/tv/CDuPQf-nchY/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/tv/CEKc9UPHWH7/?utm_source=ig_web_copy_link

https://www.instagram.com/tv/CE9xjnlnYeJ/?utm_source=ig_web_copy_link



Figura 2- Fragmentos de Memórias no Meio do Caos - Autoria: VANESSA CASTRO - Arquivo Digital



Figura 3 - MEMÓRIAS - Autoria: Vanessa Castro - ARQUIVO PESSOAL



Figura 4- Fotos retiradas do Instagram @donavanessacastro referente ao Projeto #LEITURADODIA - Arquivo Pessoal

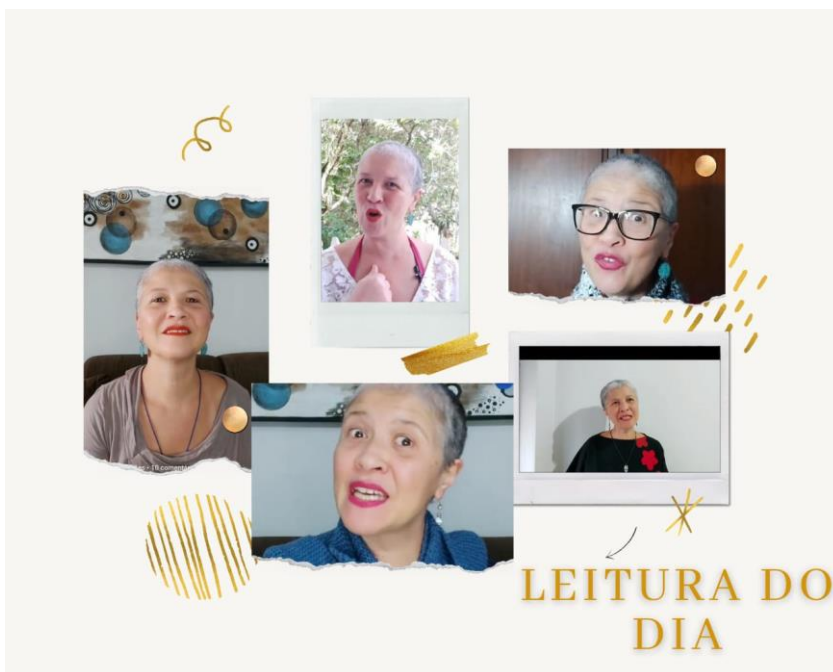


Figura 5 - Fotos retiradas do Instagram @donavanessacastro referente ao Projeto #LEITURADODIA - Arquivo Pessoal

8. ANEXO

Carne de Língua

(Conto Africano retirado do livro As Narrativas Preferidas De Um Contador De Histórias, de Ilan Brenman)

Há muito, muito tempo, existiu um rei que se apaixonou perdidamente por uma rainha. Depois do casamento, ela foi morar no castelo do rei, mas, assim que pisou lá, misteriosamente ficou doente. Ninguém sabia por que a rainha havia adoecido; o fato, porém, é que ela definhava a cada dia. O dono da coroa, que era muito rico e poderoso, mandou chamar os melhores médicos do mundo. Eles a examinaram, mas não descobriram a causa da doença. O rei, então, mandou chamar os curandeiros mais famosos do mundo. Fizeram preces, prepararam poções e magias. Também não adiantou nada. A rainha emagrecia diariamente – dali a pouco desapareceria por completo.

O rei, que amava sua esposa tão intensamente, decidiu:

– Eu mesmo vou procurar a cura para a doença da minha rainha.

E lá foi ele procurar a cura para a sua rainha. Andou por cidades e campos. Num desses campos, avistou uma cabana. Ao chegar perto, aproximou o rosto da janela e viu, lá dentro, um casal de camponeses. O camponês mexia os lábios e, na frente dele, a camponesa, gordinha e rosadinha, não parava de gargalhar. Os olhos daquela mulher transbordavam felicidade.

O rei começou a pensar:

– O que será que faz essa mulher ser tão feliz assim?

Com essa pergunta na cabeça, ele respirou fundo e bateu à porta da cabana.

– Majestade! O que o nosso rei deseja? – perguntou o súdito, um pouco assustado com a presença real à sua frente.

– Quero saber, camponês, o que você faz para sua mulher ser tão feliz e saudável? A minha mulher está morrendo no castelo, toda tristonha.

– Muito simples, Majestade: alimento a minha mulher todos os dias com carne de língua.

O visitante pensou que tivesse ouvido errado: carne de língua! O morador da cabana repetiu:

– Alimento minha esposa diariamente com carne de língua.

A situação era de vida ou morte. O rei, mesmo achando aquilo meio estranho, agradeceu ao homem do campo e foi correndo de volta para o castelo. Chegando lá, mandou chamar imediatamente à sua presença o cozinheiro real:

– Cozinheiro, prepare já um imenso sopão com carne de língua de tudo o que é animal vivente na Terra.

– O quê?! Como assim, Vossa Majestade? – estranhou o chefe da cozinha real, com um ponto de interrogação no rosto.

– Você ouviu direito! Carne de língua de todos os animais do reino! Corra, porque a rainha não pode mais esperar.

O cozinheiro foi chamar os caçadores do reino. Passadas algumas horas, ele tinha à sua frente línguas de cachorro, gato, rato, jacaré, elefante, tigre, girafa, lagartixa, tartaruga, vaca, ovelha, zebra, hipopótamo, sapo, coelho...

No meio da noite, a nova sopa já estava pronta no caldeirão. O próprio rei foi alimentar a rainha com carne de língua. Entrou no quarto e ficou espantado com a aparência dela. Sentou-se ao lado, pegou uma colher do sopão e a aproximou da boca de sua amada esposa. Com muito esforço, ela engoliu algumas colheradas daquela comida exótica.

O rei esperou, esperou e esperou, mas a rainha não melhorava – muito pelo contrário, parecia que a morte a levaria a qualquer momento. Cansado de esperar, ele se desesperou. Se não fizesse algo, sua mulher iria embora para sempre.

-Soldado! Soldado! – gritou.

Um homem enorme, com armadura e espada, entrou no quarto.

– Escute bem, soldado. A rainha tem que ser transferida imediatamente para a casa de um camponês. Lá você encontrará uma mulher gordinha e rosadinha; quero que a traga até aqui.

Então explicou ao soldado onde ficava a casa desse homem do campo. Essa era a última chance, ele imaginava, de a mulher sobreviver. Mas talvez o rei não tivesse entendido direito o que o camponês lhe dissera.

– Corre, corre, soldado! A vida da rainha depende disso!

O soldado pegou a rainha no colo e com a ajuda de outros homens saiu em disparada até a casa no campo. A troca foi feita e, assim que a camponesa entrou no castelo, adoeceu misteriosamente.

Depois de três semanas, aquela mulher, que era gordinha e rosadinha, estava magra e triste. O rei, então, decidiu ver como estava a sua esposa.

Chegando na cabana, pôs o rosto na janela e... Não podia ser! A rainha estava gordinha, rosada e gargalhava como nunca se vira antes. À sua frente, o camponês não parava de mexer os lábios. O rei bateu à porta:

– Novamente por aqui, Majestade! O que deseja?

– Camponês, o que está acontecendo!? A sua esposa está morrendo no meu castelo e a minha está toda feliz e saudável aqui na nossa frente.

– Me diga, Majestade: o que fez?

– Fiz exatamente o que você mandou. Dei carne de língua de cachorro, gato, sapo, coelho, girafa... para a minha rainha e para sua esposa também. Mas, caro súdito, nada adiantou.

– Vossa Majestade não compreendeu o que eu disse – riu-se o homem do campo. – Eu alimentei a rainha e a minha esposa com carne de língua: as histórias contadas pela minha língua.

Sua Majestade meditou um pouco sobre aquelas palavras. Lembrou-se também dos lábios daquele homem se mexendo. Parecia que agora havia entendido. Chamou sua esposa de volta e mandou a

camponesa de volta para sua casa. Assim que a rainha entrou no castelo, o rei prometeu que lhe daria todas as noites, antes de dormir, carne de língua.

A partir daquele dia, contam os quenianos, o rei contava uma história diferente todas as noites. Esse povo africano nos revelou que nunca mais a rainha ficou doente. Ensinaram-nos um segredo: As histórias fazem muito bem para as mulheres, homens, crianças, jovens, velhos – e até mesmo para os reis.

9. BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Luís Alberto de. A restauração da narrativa.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura – obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994, v. I.
- DEWEY, John. A arte como experiência. In: Os pensadores. Abril: São Paulo, 1974.
- FONSECA, Elisabete Martins da. Imaginário e formação de educadores: a narrativa de si. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.48.2016.tde-06102016-150903. Acesso em: 2019-06-12.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana*. Porto Alegre: Contrabando, 1998
- MACHADO, Regina. Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.
- OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- RAGO, Margareth. A aventura de contar-se – Feminismos, escrita de si e invenções de subjetividades. Editora Unicamp – 2013.
- RANCIÈRE, Jacques. O MESTRE IGNORANTE – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Valle – 3. Ed. 6. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- RUBIRA, Fabiana de Pontes. Contar e ouvir estórias: um diálogo de coração para coração acordando imagens. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.48.2006.tde-04042014-133433. Acesso em: 2019-06-11.
- SISTO, Celso. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias. Santa Catarina: Argos, 2001.
- STEINER, George. Lições dos mestres. Tradução de Maria Alice Máximo. - 2º edição – Rio de Janeiro: Record, 2010.
- TIERNO, Giuliano. Pegadas reflexivas acerca da arte de contar histórias: a teia do invisível. In: A arte de contar histórias: Abordagens poética, literária e performática. São Paulo: Ícone Editora, 2010.
- VILLELA, Fabio C.B, Archangelo, Ana. A ESCOLA SIGNIFICATIVA E O PROFESSOR DIANTE DO ALUNO.

ARTIGOS:

- <http://www.sesipr.org.br/nucleodedramaturgia/FreeComponent9545content77389.shtml> - Acessado em 26/09/2018
- GROTOWSKI, Jerzy. Performer.
- <http://textoavoltadaperformance.blogspot.com/2010/01/performer.html> - Acessado em 26/09/2018.
- PAGANINE, Joseana. Há 40 anos, ditadura impunha Pacote de Abril e adiava abertura política. Senado, Brasília, 3 de abril de 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/03/31/ha-40-anos-ditadura-impunha-pacote-de-abril-e-adiava-abertura-politica>>. Acesso em 07/11/2018.
- REIS, Gabriela Alves de Souza Vasconcelos; OSTETO, Luciana Esmeralda. Compartilhar, estudar, ampliar olhares: narrativas docentes sobre formação continuada: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022018000100474&lng=pt&tlng=pt – Acesso em 03/05/2019.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação: <http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf> - Acessado em 30/09/2018.
- memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/humor/praca-da-alegria/formato.htm - Acesso em 10 de julho de 2019.

